

FICHA TÉCNICA

Título original: *Beautiful Boy: a father's journey through his son's addiction*

Autora: *David Sheff*

Copyright © 2008 by David Sheff

Edição original publicada por Mariner Books, uma chancela de Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, New York

Os direitos morais do autor estão certificados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Maria de Almeida*

Capa: Imagem gentilmente cedida pela NOS Lusomundo Audiovisuais

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2018

Depósito legal n.º 445 826/18

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

Introdução	13
PARTE I — Acordado até tarde	33
PARTE II — A droga que ele escolheu	141
PARTE III — Como queiras	163
PARTE IV — Se ao menos	223
PARTE V — Nunca se sabe	299
Epílogo	383
Posfácio	397
Agradecimentos	415
Leituras recomendadas	417
Créditos	421

1

Eu e a minha mulher, a Vicki, vivemos em Berkeley num bangalô de ripas brancas construído na década de 1920, escondido da rua por uma parede de bambu-negro. Estamos em 1982, é um verão de espera. Tudo o resto — o trabalho, os compromissos sociais — marca passo. O nosso bebé nasce em julho.

A ecografia identifica-o como um *ele*. Preparamo-nos para a sua chegada. Pintamos e decoramos um quarto de criança, escolhendo uma cama de grades branca, uma cómoda azul-bebé, prateleiras cheias de Maurice Sendak e Dr. Seuss e, a fazer de sentinela de ambos os lados da porta, um par de pandas de peluche gigantes, um presente para o bebé que um amigo dera antecipadamente. Outro amigo emprestou-nos uma relíquia de família: um berço amarelo-bebé com a forma de lua nova. Fica dependurado de uma corrente num recanto da sala de estar, parecendo estar a flutuar sobre São Francisco, que rebrilha ao longe.

As contrações da Vicki começam depois da meia-noite do dia 20 de julho. Tal como nos ensinaram nas aulas de Lamaze, cronometramos os intervalos entre cada contração. Está na hora. Vamos de carro para o hospital.

O Nic nasce ao amanhecer — o nosso lindo menino.

Ficamos extasiados com o nosso filho. Estamos dispostos a esquecer o sono. Acalmamo-lo quando chora. Cantamos-lhe cantigas de embalar. Ficamos naquele estado alterado e langoroso, um contentamento onírico que nos escandalizaria se tivesse afetado qualquer dos nossos amigos. (Na verdade, muitos dos amigos estão, de facto, escandalizados.) A vida é acompanhada por uma banda

sonora composta por Pete Seeger, Limelighters e Raffi, cujas canções, tocadas vezes e vezes e vezes e vezes e vezes e vezes e vezes sem conta, levariam qualquer criminoso a fazer uma confissão depois de todas as outras formas de tortura falharem. Ocasionalmente, limitamo-nos a olhar para as mãozinhas minúsculas e fechadas do bebé e para os seus olhos luminosos e exuberantes.

Fazemos parte da primeira geração de pais inseguros. Antes da nossa geração, as pessoas tinham filhos. Nós somos pais. Procuramos o melhor para os nossos filhos — o melhor carrinho de passeio e a melhor cadeirinha para o carro recomendados pela revista *Consumer Reports* [Relatórios do Consumidor] — e stressamos com qualquer decisão a tomar quanto aos brinquedos, às fraldas, às roupas, às refeições, aos medicamentos, aos anéis de dentição, às vacinas. Basicamente, a tudo e mais alguma coisa.

Pouco depois, a cama de grades é substituída por uma cama de solteiro com lençóis com padrão de zebra. Alternamos os passeios entre o carrinho e um marsúpio, brincamos nos parques de Berkeley e nos tapetes de atividades para bebés e visitamos o Jardim Zoológico de São Francisco. A biblioteca do Nic transborda de títulos. *Goodnight Moon*³, *Pat the Bunny* [Faz Festinhas ao Coelhoinho], *Onde Vivem os Monstros*⁴, *Uma Cova É para Escavar*⁵. Leio-os tantas vezes, que já os sei de cor.

«Leite! Leite! Leite para o pão-de-leite.»⁶

«De ali para aqui, de aqui para ali, coisas engraçadas esperam por ti.»⁷

«Os cães são para dar beijos às pessoas. A neve é para rebolar. Os botões apertados são para te manteres quente. *Iupiiiiiiiiiiiiiiiiiiii.*»⁸

³ Brown, Margaret Wise — *Boa noite, Lua*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (NT)

⁴ Sendak, Maurice — *Onde Vivem os Monstros*. Matosinhos: Kalandraka, 2009. (NT)

⁵ Krauss, Ruth — *Uma Cova É para Escavar: O livro das primeiras explicações*. Matosinhos: Kalandraka, 2016. (NT)

⁶ Sendak, Maurice — *Na cozinha da noite*. Matosinhos: Kalandraka, 2014. (NT)

⁷ Seuss, Dr. — *Um Peixe, Dois Peixes, Peixe Encarnado, Peixe Azulado*. Amadora: Booksmile, 2017. (NT)

⁸ Krauss, Ruth — *Uma Cova É para Escavar: O livro das primeiras explicações*. Matosinhos: Kalandraka, 2016. (NT)

Com três anos, o Nic passa algumas manhãs por semana num infantário decorado em tons pastel e a uma curta distância a pé de nossa casa. O dia dele inclui atividades de grupo; brincadeiras como o jogo do lencinho; pintar e modelar; e cantigas. «Arrancar ervas, apanhar pedras», canta o Nic, «somos feitos de sonhos e ossos».⁹ Passa o tempo ao ar livre a trepar a estrutura do parque infantil e a andar de baloiço. Aventura-se nos primeiros encontros para brincar, antigamente conhecidos como «ir para casa de outro miúdo». Por vezes, encontramos-nos com outras famílias num parque com um escorrega de betão que desce por uma colina por entre as copas dos carvalhos. O Nic anda às voltas num carrossel rodopiante.

O Nic é um arquiteto e construtor nato, montando grandes estruturas com blocos *Duplo* e *Lego*. Ele adora o peluche *Teddy Ruxpin*, os desenhos animados *Pound Puppies* — *Cães Geniais* e os seus dois pandas gémeos. Pedala velozmente por toda a casa com um triciclo de rodas grandes e, na tijoleira do terraço da frente, passeia-se com um descapotável azul-claro de plástico, um presente dos meus pais, que ele locomove como um carro dos Flintstones com os seus ténis-bota.

Visitamos a Train Town em Sonoma, não muito longe, onde o Nic conduz uma locomotiva a vapor, passando por celeiros e moinhos em miniatura. Viajamos até ao Parque Nacional de Yosemite — na primavera, com as flores silvestres desabrochadas, caminhamos até às cascatas; no inverno, brincamos na neve no vale observado pela cúpula de granito a que chamam Half Dome — e até ao aquário da baía de Monterrey, onde o Nic fica fascinado com as alforrecas fluorescentes e com os tubarões que descrevem círculos.

Há espetáculos de marionetas e jogos de tabuleiro e cantigas em família acompanhadas por uma pandeireta. Vestindo um quimono e calças de pijama de flanela e empunhando uma guitarra de plástico, o Nic canta com todas as suas forças.

⁹ «Pulling weeds, picking stones [...] we are made of dreams and bones», no original, com base na canção «Garden Song» da banda Peter, Paul and Mary. (NT)

Tingalayo, run my little donkey run
Tingalayo, run my little donkey run
Me donkey walk, me donkey talk
Me donkey eat with a knife and fork

Me donkey walk, me donkey talk
Me donkey eat with a knife and fork

(Tingalayo, corre meu burrico, corre / Tingalayo, corre meu burrico, corre / O meu burrico anda, o meu burrico fala / O meu burrico come com faca e garfo / O meu burrico anda, o meu burrico fala / O meu burrico come com faca e garfo)

Depois, arranca o quimono e fica com a parte de cima do pijama de palhaço com bolinhas verde-lima, azul-claras e vermelho-vivas. Tem calçadas galochas fluorescentes com um padrão de espirais azuis, verdes e cor-de-rosa.

Caminhamos pelo passeio, ele a arrastar as botas demasiado grandes, a minha mão a envolver a mãozinha dele, a guitarra de plástico atirada sobre o seu ombro. Ele pisa todas as poças de água que vê.

Tem um olhar pensativo, no qual o bronze por vezes se funde com o verde, vivo como o mar.

Vai dançando as suas coreografiazinhas engraçadas, enquanto caminha, segurando num guarda-chuva amarelo sobre a cabeça. «Mau, mau, parece chuva.»¹⁰

* * *

Este idílio aparente distrai-nos da catástrofe que se avizinha. Eu e a Vicki passámos os primeiros três anos do Nic no torpor exausto mas bem-aventurado da parentalidade recente e depois, quando acordámos, demos por nós sob a luz forte e o frio opressivo

¹⁰ No original, «Tut, tut, it looks like rain», fala do filme *Winnie the Pooh and the Honey Tree* [Winnie the Pooh e a Árvore do Mel]. (NT)

de um casamento desfeito. Com uma grande mostra de maturidade, eu lidei com os nossos desentendimentos apaixonando-me por uma amiga da família. O Nic e o filho dela eram companheiros de brincadeira.

Eu e a Vicki partilhamos a devoção que sentimos pelo Nic, mas eu não tenho capacidade para lidar com os nossos problemas cada vez mais graves. Quando consultamos um psicólogo para fazermos terapia de casal, anuncio que é demasiado tarde. O meu casamento acabou. A Vicki é apanhada de surpresa. Esta não é a primeira relação que saboto, mas agora há uma criança.

O Nic.

Em casa, quando eu e a mãe dele discutimos, o Nic refugia-se no colo dos pandas.

Criança alguma beneficia da amargura e da selvajaria de um divórcio como o nosso. Tal como a precipitação radioativa de uma bomba atômica, os danos colaterais são vastos e duradouros. O Nic é fortemente atingido.

Dividimos a louça e as peças de arte e o nosso jovem filho. Parece-me óbvio que a guarda partilhada é a melhor solução; tanto eu como a Vicki queremos o Nic connosco e não temos qualquer razão para duvidar da sabedoria dominante que diz que o melhor para ele é continuar a ser educado por ambos os progenitores. Pouco depois, o Nic tem dois lares. Nos dias em que o deixo em casa da mãe, abraçamo-nos e despeço-me dele junto ao portão da vedação branca e vejo-o entrar em casa.

A Vicki muda-se para Los Angeles, onde volta a casar-se. Continuamos ambos a querer estar com o Nic, mas, agora, separados por oitocentos quilómetros, o acordo de guarda partilhada tipo ioiô já não é exequível. Cada um de nós acredita com toda a honestidade e fervor que é no melhor interesse do Nic estar consigo, e *não* com o outro progenitor, e, por isso, contratamos advogados especializados em divórcio.

Há advogados que conseguem mediar acordos com sucesso, mas muitas batalhas pela guarda das crianças acabam nos tribunais. Geralmente, é uma experiência traumática e dispendiosa. Os nossos advogados cobram mais de duzentos dólares por hora e exigem

adiantamentos de honorários na ordem dos cinco a dez mil dólares. Quando nos dizem que os juízes, muitas vezes, seguem os acordos recomendados por um psicólogo infantil nomeado pelo tribunal após uma avaliação rigorosa, as nossas partes mais sensatas e as nossas contas bancárias exauridas levam a melhor. O Nic começou a fazer terapia pouco depois da nossa separação e contratamos a psiquiatra que o acompanha para conduzir uma avaliação. Concor damos cumprir a decisão dela.

A médica inicia uma investigação que dura três meses e mais parece uma inquisição. Entrevista-nos a nós, aos nossos amigos e às nossas famílias, visitando as respetivas casas em São Francisco e em Los Angeles e passa longas sessões de terapia no gabinete dela com o Nic a jogar às damas e às cartas e a brincar com blocos de construção. Ele chama-lhe a sua médica da preocupação. Um dia, enquanto brinca com uma casinha de bonecas no consultório dela, mostra-lhe o quarto da mãe num lado e o quarto do pai no outro. Quando ela lhe pergunta onde fica o quarto do menino, ele responde:

— Ele não sabe onde vai dormir.

Reunimo-nos no consultório dela entre brinquedos, mobiliário moderno e gravuras emolduradas de quadros de Gottlieb e Rothko, e ela dá-nos o veredicto. Eu e a Vicki estamos sentados em cadei-rões de cabedal iguais de frente para a médica, uma mulher impo-nente com um vestido às flores, caracóis pretos e olhos penetrantes por trás de óculos com lentes de fundo de garrafa. Ela cruza as mãos no colo e começa a falar.

— São ambos pais carinhosos que querem o melhor para o vosso filho. Vou dizer-vos algumas das coisas que descobri sobre o Nic no decurso desta avaliação. Não precisam que vos diga que ele é uma criança excecional. É engenhoso, sensível, expressivo e extrema-mente inteligente. Creio que também saberão que ele sofre com o divórcio e com a incerteza relativamente ao seu futuro. Para chegar à minha decisão bem difícil, tentei pesar todos os fatores e desenhar um plano que seja o melhor para o Nic: o melhor numa situação em que não há nenhuma escolha ideal. A nossa intenção será mini-mizar o stresse na vida do Nic e manter as coisas tão consistentes quanto for possível.

Ela olha primeiro para um e depois para o outro, antes de remexer num molho de papéis. Respira fundo e diz que o Nic irá passar o ano letivo comigo em São Francisco e as férias e os verões com a Vicki na Califórnia do Sul.

Tento compreender com exatidão o que ela acaba de dizer. Eu ganhei. Não, eu perdi. E a Vicki também. Vou tê-lo comigo no dia a dia do ano letivo, mas o que será o Natal sem ele? O dia de Ação de Graças? O verão? A médica entrega-nos cópias do documento que contém as linhas mestras da sua decisão. Usando a secretária dela como apoio, assinamo-las. Inconcebivelmente, num instante marcado por uma caneta a raspar numa folha áspera, aceito com a minha assinatura prescindir de metade da infância do meu filho.

* * *

Por muito mau que seja para mim e para a Vicki, para o Nic é pior. Quando se prepara para as entregas, ele embala os brinquedos e as roupas numa mala da *Hello Kitty* com um cadeado e uma chave de brincar. Levo-o de carro até ao aeroporto. Ele diz que tem um buraco no estômago, não por não querer ver a mãe e o padrasto — porque quer —, mas porque não se quer ir embora.

No início, um de nós faz a viagem com ele, mas, a partir dos cinco anos, ele começa a viajar sozinho. Passa da malinha minúscula para uma mochila de lona cheia de um arsenal de coisas essenciais em constante mutação (livros e diários, *Star Trek*, *Micro Machines*, dentes de vampiro de plástico, um *discman* e alguns CD, um caranguejo de peluche). Uma assistente de bordo condu-lo para dentro do avião. Dizemos «tudo» um ao outro. É a nossa forma de dizer *Adoro-te*, *Vou ter tantas saudades tuas*, *Desculpa* — a confusão de sentimentos quando ele vai e vem.

As viagens entre São Francisco e Los Angeles são as únicas alturas em que ele não tem nenhum dos progenitores a mandar nele, por isso pede *Coca-Cola*, negada em casa; os assistentes de bordo não querem saber das cáries. Porém, esses benefícios são insignificantes quando comparados com o medo que ele tem de um desastre de avião.

Com cinco anos, o Nic entra para a pré-primária numa escola progressiva de São Francisco num edifício centenário revestido a telhas de sequoia, onde uma pessoa pode entrar à hora do lanche e encontrar os pais, por exemplo, a fazer *quesadillas* com as crianças. A escola tem degraus de pedra e antigas portas como as de um celeiro que se abrem para um recreio com o pavimento de borracha flexível feito de pneus reciclados aos pedacinhos. Há espirobol, uma estrutura para trepar feita de sequoia, e basquetebol. Os professores são dedicados «à criança no seu todo», por isso, os três R¹¹ estão interligados com um programa de música impressionante; peças que as crianças escrevem (durante a primeira das muitas atuações tolas anuais em que participa, o Nic, a fazer de mosquito, adormece em palco); arte; desportos que não sejam de competição como apanhada e hóquei com vassouras; jogos de soletrar inventivos; e a celebração de festividades seculares e religiosas, incluindo Natal, Chanucá, Ano Novo Chinês e Kwanzaa. Parece o ideal para o Nic, que, na pré-primária, exhibe a sua criatividade com barro, pintura com dedos e um guarda-roupa inimitável. Uma das suas indumentárias características é composta por um enorme chapéu de cobói deformado tão enterrado na cabeça que só se veem os seus olhos de coruja a espreitar, *T-shirt* com desenhos de Keith Haring sob um colete de cabedal com franjas, colãs azuis debaixo de cuecas e ténis com velcro com a forma de orelhas de elefante. Quando os colegas gozam com ele — «Só as meninas usam colãs» —, o Nic responde: «Ai é? O Super-Homem usa colãs!»

Fico orgulhoso da sua confiança e individualidade.

O Nic tem um grupo de amigos eclético. Brinca frequentemente no Golden Gate Park com um rapaz que quer ser agente secreto. Ele e o Nic esgueiram-se silenciosamente de barriga para baixo, aparecendo de fininho ao lado de pais que de nada suspeitam e estão a trocar mexericos nos bancos do parque.

¹¹ Referência ao modelo pedagógico assente na leitura, na escrita e na aritmética. (NT)

Também jogam à apanhada na estrutura labiríntica de brincar, composta por uma série de passagens interligadas dentro de abóbadas geodésicas. Com outro grande amigo, um rapaz com um tufo de cabelo preto e olhos esmeralda penetrantes, o Nic constrói cidades *Lego* e pistas com blocos de madeira nas quais põem os *Hot Wheels* a correr.

O Nic adora filmes. Impressionado e divertido com o fascínio que o Nic tem por eles, um amigo meu editor de uma revista regional pede ao Nic que escreva um artigo intitulado «Nic Pick Flicks» [O Nic escolhe filmes]. O Nic dita os comentários. «Sabem, às vezes os miúdos têm de escolher um vídeo e não se conseguem decidir, mas têm de tomar uma decisão depressa porque os crescidos têm de estar no barbeiro dali a dez minutos», começa ele. Faz a crítica a *A Dama e o Vagabundo* e *Winne the Poob*. «O *Dumbo* é ótimo», diz. «Ótimas canções. Ótimos corvos.» Sobre *A História Interminável*, ele afirma: «Afim, a história termina.»

Quando festejei os meus seis anos, a minha mãe fez um bolo com forma de girafa e cobertura de manteiga e coco, e eu e os meus amigos brincámos ao jogo do burro, tentando pôr a cauda no animal. O Nic vai a festas de aniversário em estábulos, no parque de diversões Great America, no parque aquático Raging Waters e no Exploratorium, um museu de ciência que deixa os visitantes pôr as mãos na massa. Servem-se minissanduíches ou *sushi*, sidra de maçã sem álcool e queques sem glúten.

Certa tarde, o Nic anuncia que quer fazer um donativo para o programa de Natal de oferta de brinquedos da escola, por isso vasculha o quarto e livra-se da maioria dos bonecos de peluche, de jogos de tabuleiro como *Candyland*¹² e *Cobras e Escadas*, dos *trolls* e bonecos de ação que passaram à história. Das prateleiras saem muitos dos álbuns ilustrados para se arranjar espaço para as séries de Narnia e Redwall e para E. B. White. O Nic está a esforçar-se por crescer, embora seletivamente. Fica com os pandas e com *Sebastian*, o caranguejo de peluche do filme *A Pequena Sereia*.

¹² Traduzido à letra, «terra dos doces», jogo de tabuleiro que não implica estratégia indicado para crianças pequenas. (NT)

O Nic tem antenas que detetam, antes da maioria das outras crianças, ondas vindouras da cultura popular, que vão de *O Meu Pequeno Pónei* aos *Masters do Universo*. Os filmes da Disney — *Os 101 Dálmatas* e *Mary Poppins* — abrem alas para *A Guerra das Estrelas*. O Nic e os amigos descobrem a *Nintendo* e ele e os amigos começam a falar na sua linguagem impenetrável (para os adultos) acerca de *mini-bosses*, *warps*, níveis secretos e abóboras que dão pontos. Num Halloween, o Nic é uma Tartaruga Ninja (Michelangelo para acompanhar o Donatello que era amigo dele). A seguir, já é o Indiana Jones.

O Nic mete-se em pequenos apuros de vez em quando. Quando passa a noite em casa de um amigo, os dois são apanhados a fazer telefonemas a gozar com as pessoas como viram no programa *The Simpsons*. Ligam para bares que vêm listados nas *Páginas Amarelas*.

— Boa tarde, posso falar com o Senhor Coólico, por favor? O primeiro nome é Al.

— Claro, miúdo. — Para os clientes: — Está cá algum Al Coólico?

Eles desatam a rir-se e desligam.

A seguir, ligam aleatoriamente para números da lista telefónica.

— Há aí algum John?¹³

Após alguns segundos.

— Não? Então onde vão à casa de banho?

Na maior parte do tempo, contudo, o Nic porta-se bem. Um dia, na secção de comentários do seu registo de avaliação periódico, uma professora escreve que o Nic, por vezes, parece um pouco deprimido, algo que prontamente partilho com a sua nova psicóloga, com quem ele tem consulta uma vez por semana. «Mas», continua ela, «ele consegue sair sozinho desse estado e é enérgico, envolvido, divertido — um líder na turma.» Os outros comentários dos professores são um elogio efusivo da sua criatividade, do seu sentido de humor, da sua compaixão, da sua participação e do seu trabalho exemplar.

¹³ Calão para «sanita». (NT)

Tenho uma caixa onde guardo os seus projetos artísticos e o que escreve, como a resposta a um trabalho no qual lhe tinham perguntado se devemos sempre tentar dar o nosso melhor. «Acho que não devemos tentar dar sempre o nosso melhor o tempo todo», escreve ele, «porque, por exemplo, se um drogado nos pede drogas, não devemos dar o nosso melhor para lhe arranjar as drogas.»

Outro trabalho que vai para dentro da caixa é uma carta persuasiva que ele me escreve quando pedem aos alunos que redijam um texto argumentativo a favor ou contra alguma coisa que queiram. O texto termina com: «Por isso, para concluir, acho que me deviam deixar comer mais doces.»

Por vezes, o Nic tem pesadelos. Num deles, chega à escola, e ele e os colegas têm de se submeter ao controlo antivampiros. São verificações semelhantes às que fazem para os piolhos quando detetam alguma infestação. No controlo dos piolhos, os professores, com as mãos protegidas por luvas cirúrgicas, passam os dedos pelos cabelos de cada aluno como uma mãe macaca, a inspecionar cada folículo. Quando descobrem nem que seja uma única lêndea, a criança infetada é enviada para casa a fim de fazer o tratamento com algum produto e de lhe passarem meticulosamente um pente de dentes finos pelo cabelo. Dói, provocando o tipo de guinchos que faz com que os vizinhos bem-intencionados chamem os serviços de proteção de menores.

No sonho do Nic, ele e os amigos fazem fila para o controlo antivampiros matinal. Os professores com as mãos enluvadas levantam-lhes os lábios para ver se os caninos foram substituídos por presas afiadas. As crianças vampiras são instantaneamente mortas com uma estaca espetada no coração. De manhã, quando conta o sonho no carro, o Nic diz que é injusto para os vampiros, porque não têm culpa nenhuma.

Não sei se é a nossa vigilância constante, os rostos das crianças desaparecidas nos pacotes de leite ou as histórias aterrorizadoras que eles ouvem, mas o Nic e os amigos parecem ter um medo desmesurado. Há um pequeno pátio por trás do nosso apartamento, mas o Nic e os amigos não vão brincar para lá a não ser que eu também vá. Ouço outros pais a queixar-se de que os filhos têm

medo do escuro, choram de noite, não dormem sozinhos ou temem dormir em casa dos amigos. Depois de lhe ler uma história, antes de o Nic adormecer, pede-me que vá ver como ele está a cada quarto de hora.

Eu canto-lhe:

Close your eyes

Have no fear

The monster's gone

He's on the run and your daddy's here

(Fecha os olhos / Não tenhas medo / O monstro foi-se embora / Ele está em fuga e o teu pai está aqui)